

Revista
Brasileira de
**Linguística
Antropológica**

Volume 17 – 2025



UnB



e-ISSN: 2317-1375

Universidade de Brasília

Reitora

Rozana Reigota Naves

Vice-Reitor

Márcio Muniz de Farias

Decana de Pesquisa e Inovação

Renata Aquino

Diretora do Instituto de Letras

Gladys Quevedo Camargo

Vice-Diretora do Instituto de Letras

Flávia de Oliveira Maia Pires

Diretora do Laboratório de Línguas e Literaturas Indígenas (LALLI)

Ana Suelly Arruda Câmara Cabral

R454 Revista Brasileira de Linguística Antropológica / Ana Suelly Arruda Câmara Cabral, Editora – v. 17 (2025) – Brasília, DF: Laboratório de Línguas e Literaturas Indígenas, Instituto de Letras, Universidade de Brasília, 2025.

Anual

e-ISSN: 2317-1375

Publicação *on-line*: <https://periodicos.unb.br/index.php/ling/>

1. Linguística antropológica. 2. Línguas e culturas indígenas – Américas. 3. Linguística histórica. 4. Tipologia linguística. I. Cabral, Ana Suelly Arruda Câmara.

CDU 81'27

<https://periodicos.unb.br/index.php/ling/>

Laboratório de Línguas e Literaturas Indígenas (LALLI/IL-UnB)
Endereço: ICC Sul, sala BSS-234, Campus Universitário Darcy Ribeiro
CEP 70900-900, Brasília-DF, Brasil

Homenagem a Aryon Dall'Igna Rodrigues

Tribute to Aryon Dall'Igna Rodrigues

Eni Puccinelli Orlandi¹

ORCID: 0000-0001-8254-5212

DOI: <https://doi.org/10.26512/rbla.v17i1.60993>

Recebido em outubro/2025 e aceito em novembro/2025.

Posso começar dizendo que o professor Aryon Dall'Igna Rodrigues é um estudioso considerado uma instituição do conhecimento das línguas indígenas na área de linguística no Brasil, e a quem devemos enorme reverência pela maneira como, apesar das condições, favoráveis ou desfavoráveis, construiu um acervo de saber de alta relevância sobre línguas indígenas brasileiras. Gostaria também de dizer que, observando o percurso que ele faz, podemos ver como uma forma de saber se constitui em uma conjuntura política institucional. Neste caso, pode-se acompanhar a história da constituição e institucionalização deste conhecimento através de um longo período, de nossa história intelectual e acadêmica, que se inicia nos finais dos anos 30 do século XX.

Em uma entrevista que fiz com ele, perguntei sobre pessoas ou leituras que ele considerava importante para ter escolhido trabalhar em línguas indígenas.

Ele me disse que quem foi decisivo para sua escolha foi Mansur Guérios, de Curitiba, que foi seu professor de português no Colégio Estadual do Paraná. O Mansur vinha de Ponta Grossa e era professor no colégio de lá, onde se dedicava às línguas indígenas. Se interessava por Guarani e por Kaingang, que são duas línguas do estado do Paraná. Ele já havia publicado alguns artigos sobre isso, inclusive “Novos Rumos da Tupinologia”, em que procura mostrar a conveniência, a necessidade e a possibilidade de aplicar, ao estudo das línguas tupi-guaranis, o método histórico comparativo. O

¹ Unicamp/Unemat/CNPq.

prof. Aryon já se interessava pela questão das línguas indígenas porque tinha sido tocado por várias leituras, entre elas, a de José de Alencar, assim como pela tradução de História de uma viagem feita à terra do Brasil de Jean de Léry por Monteiro Lobato. Tradução que apresentava erros que já estavam no original de de Léry. Isso tem sua importância porque ele tinha escassos meios para iniciar o imenso trabalho que ele elaborou na área das línguas indígenas.

Enquanto aluno de Mansur Guérios, que havia assumido a direção do jornal do colégio, o prof. Aryon escreveu um artigo sobre diferenças fonéticas entre o Tupi e o Guarani, que foi publicado, em 1939, no jornal do colégio. Isso estimulou muito o prof. Aryon. Segundo ele, passou a usar seu tempo livre para ir à Biblioteca Pública, que era a uma quadra do Ginásio, e ficava “escarafunchando” os livros que falavam de índio e de língua indígena. Assim se desenvolveu seu interesse pelas línguas indígenas.

Tendo recebido, em seu aniversário o livro *O Selvagem*, de Couto de Magalhães, que tem o curso de língua Tupi viva, o Nheengatu, escreveu, em 1940, um novo artigo, desta vez sobre a influência portuguesa na sintaxe do Nheengatu, a Língua Geral Amazônica. Sem ter tido professor de língua indígena, seu contato com a língua indígena já era um contato em que se percebia a compreensão que ele tinha sobre a forma da língua.

A partir desse momento, ele passou a ter contato, inclusive por iniciativa do prof. Mansur Guérios, com livros sobre o assunto. E continuou escrevendo e publicando artigos. Desta vez em revistas de maior circulação como a dos Arquivos do Museu Paranaense, primeira publicação em revista científica, em 1942. Suas relações de trabalho vão se ampliando através da escrita de artigos e da mediação de Mansur Gueiros que o faz ser conhecido de outros estudiosos da língua. Assim foi com Serafim da Silva Neto, a quem Mansur Guérios enviou um seu artigo que Serafim da Silva Neto publicou na Revista Filológica do Rio de Janeiro. É ainda no estímulo dado por Mansur Guérios que vai ampliando seu conhecimento de língua. Guérios lhe dá de presente o livro de Mattoso Câmara Princípios de Linguística Geral por volta de 1942.

Já na Faculdade, tendo como professor M. Guérios deu um curso de extensão sobre Língua Geral. E mantinha seu interesse tomando conhecimento do que faziam autores como Oiticica e F. Edelweis, no Brasil.

Sua capacidade de iniciativa desde cedo, como vimos, o leva também a procurar fora do Brasil seus instrumentos de trabalho. Como, tendo conhecimento pelo Museu, da publicação do *Handbook of South American Indians*, publicado em Washington, escreveu para Washington, solicitando

um exemplar do livro. E conseguiu que enviassem, não só este exemplar como os volumes seguintes do handbook. Por outro lado, em 1950, termina a faculdade e, junto com um colega, faz sua pesquisa de campo, indo aos Kaingang do sul do Paraná.

Um fato importante em 1954 é que o prof. Aryon vai a São Paulo ao Congresso dos Americanistas.

Um outro aspecto é que ele precisava estudar fonética para seus estudos e pesquisas, mas os cursos existentes no Brasil eram de fonologia. Isto o levou a olhar para o exterior. Foi assim que acabou decidindo ir para a Alemanha. Recebeu uma bolsa da Fundação Humboldt e foi para Munique. No entanto o que havia em Munique interessava para o que dizia respeito a Linguística, mas era sobretudo para línguas europeias. Vai, então, para Hamburgo onde havia o estudo de línguas africanas e polinésias. E aí fez seu doutorado de fonologia do Tupinambá.

Formado, volta ao Brasil para a Universidade Federal do Paraná. Tendo depois sido professor de várias universidades brasileiras, como: Universidade de Brasília, Museu Nacional do Rio de Janeiro, Unicamp. Foi na Unicamp, onde tivemos um convívio maior. Inclusive porque ele morava em frente a Universidade e tínhamos a oportunidade de conversar sobre a sua área de interesse após o período de trabalho. Foram conversas em que aprendi muito com o Prof. Aryon.

A observação desse percurso do prof. Aryon que fiz nessa exposição tem importância particular para se refletir sobre uma questão da história das ideias científicas; particularmente interessa refletir sobre como se instala uma importante área de conhecimento como é a área de estudos de línguas indígenas num país como Brasil. Como sabemos, o Brasil tem ainda hoje, segundo o IBGE, 274 línguas indígenas que são amplamente praticadas.

A observação desse percurso nos mostra como entra em questão aspectos como a formação das pessoas, na constituição de um saber. Mais ainda: como é decisivo encontrar meios como a existência de um professor atento aos interesses específicos dos alunos; como importa a existência de um jornal na escola fundamental. Como vão-se estabelecendo as relações de pessoas com os mesmos interesses em diferentes instituições. Por outro lado, é decisiva a existência de instituições que abrem condições de trabalho de modos variados, assim como Museus disponíveis para a população e a existência de Bibliotecas na Universidade e fora dela.

Junto a isso agrega-se a natureza e importância das relações que vão se estabelecendo entre diferentes estudiosos em diversas instituições, de

diferentes regiões do país e de fora dele. Podemos citar também os meios para possibilitar o deslocamento para a pesquisa de campo, para a ida a centros de pesquisa no exterior, cumprindo um papel importante para esse sujeito que se coloca na posição de construir uma forma de conhecimento mesmo que, ou sobretudo, ainda incipiente. Mesmo em condições precárias.

Dentre as condições para a instalação e desenvolvimento das ideias linguísticas temos também que considerar a iniciativa das pessoas nas condições em que estão que envolve de modo decisivo o funcionamento das instituições. Relativamente a este é fundamental observar a questão dos meios de realização no que se inclui de modo decisivo as condições financeiras. De modo geral podemos dizer que quanto melhores as condições, maiores as possibilidades de que modificações que se busca fazer aconteçam. Isto, no entanto, não significa que as modificações só se dão se as condições forem ideais. A força da iniciativa pode transformar o cenário das condições. E foi o que o professor Aryon fez.

Há que se pensar que desde os anos 1940 até hoje houve mudança no modo de considerar, no Brasil, o lugar das línguas indígenas e sua relação com as não indígenas, incluindo nisso o português como língua do Estado. Esta mudança se deve a mudanças na sociedade brasileira de modo geral. E isto inclui como as instituições universitárias têm hoje com as línguas indígenas relação diferente da que tinham há 80 anos. E isto se deve ao modo como a questão indígena passou a ocupar a vida brasileira graças aos esforços feitos por pessoas como o prof. Aryon e instituições como as universidades. Como sabemos, hoje há no Brasil regiões onde há línguas indígenas oficiais em municípios brasileiros.

Não menos importante é, hoje, a presença dos indígenas com suas línguas nas universidades brasileiras onde eles são também alunos.

Não posso deixar de dizer antes de terminar que o prof. Aryon era uma pessoa afável que estava sempre contribuindo para a reflexão científica. Além do grande conhecimento que constituiu, ele sabia situar-se bem nas divergências e fundamentalmente valorizar o trabalho intelectual. Ele criava condições para uma convivência real entre pessoas de posições teóricas diferentes. Enfim, tinha um apreço pelo conhecimento e sabia se empenhar de modo muito particular para consegui-lo. Sua capacidade de iniciativa tornava possível atingir os objetivos a partir de condições, mesmo que não completamente favoráveis. Assim além de construir o conhecimento sobre línguas indígenas que construiu, e que é admirável, transformou de alguma forma as instituições pelas quais passou.

Referências

COUTO DE MAGALHÃES. 1876. *O Selvagem*. Rio de Janeiro, Typ. da Reforma.

MANSUR, Rosário Farâni. 1935. Novos Rumos da Tupinologia. *Revista do Circulo de Estudos "Bandeirantes"*, Curitiba, 1(2), pp. 3-16.

STEWART, Julian H. (ed.). 1946. *Handbook of South American Indians*. Vol. 1: The mar-ginal tribes. Smithsonian Institution, Bureau of American Ethnology, Bulletin 143, Wash-ington: Government Publishing Office.